O DESENHO E SUAS TEORIAS

CLÁUDIO VIANI MORO

RESUMO

Esse artigo pretende abordar reflexões sobre o desenho e a sua importância para o desenvolvimento cognitivo. O desenho é fundamental para as crianças. Do desenho de um boneco ao desenho de salpicos de tinta nos dedos, é algo que eles gostam muito e que sempre deve ser incentivado. Por meio do desenho as crianças não apenas conseguem ver o que estão pensando, mas também podem brincar e transformar suas ideias. A imaginação é uma parte essencial do crescimento de uma criança - quando ela está imaginando, é capaz de formar seus próprios cenários e brincar de fingir, tornando-se mais independente e avançada. Todos devem incentivar a imaginação, porque é uma demonstração de liberdade de expressão e criatividade, dois componentes principais que qualquer criança deve ter. Atualmente, é muito frequente que as pessoas sintam que precisam se esconder de suas emoções ou não sabem como gastar seu tempo. O desenho é um hobby e uma paixão que podem ser uma saída positiva.

Palavras-Chave: Desenho; Desenvolvimento Infantil; Imaginação.

INTRODUÇÃO

As crianças não limitam naturalmente as formas que suas expressões assumem. Como a comunicação adulta depende muito da linguagem falada e escrita, as escolas necessariamente refletem essa orientação e canalizam as narrativas das crianças para um domínio muito estreito de expressões, limitando, em vez de ampliar, as capacidades expressivas da criança.

Por causa dos anos passados com os adultos menos flexíveis no pensamento e na comunicação, ela sente que a maioria das crianças perde seus dons naturais pela expressão narrativa.

O sujeito moderno é animado por portentosa mescla de otimismo, de progressismo e de agressividade: crê que pode fazer tudo o que se propõe (e se hoje não pode algum dia poderá) e para isso não duvida em destruir tudo que percebe como um obstáculo à sua onipotência. O sujeito moderno se relaciona com o acontecimento do ponto de vista da ação. (BONDÍA, 2002, p. 24).

Há uma falta de reconhecimento da maioria dos adultos do poder do desenho ao servir uma função narrativa para as crianças, exteriorizando suas experiências, pensamentos e sentimentos por meio de imagens visuais.

As crianças começam o processo de desenho a partir do momento em que são grandes o suficiente para segurar um lápis ou lápis e colocá-lo no papel. Para os pequenos, o desenho representa uma atividade natural, geralmente com muito prazer. Eles desenham para expressar emoções, porque não sabem expressar sentimentos diferentes através das palavras. Eles expressam seus medos, alegrias, sonhos, esperanças e pesadelos por meio de desenhos, e também dão dicas sobre o relacionamento deles com o mundo e com outras coisas.

Desta maneira é que a arte não possui utilidade: ela não a possui no mundo prático. Não perguntamos nunca para que serve uma obra: ela serve apenas para ser fruída, desfrutada, serve para despertar em nós a consciência e a vivência de aspectos do nosso sentir, com relação ao mundo. (DUARTE JUNIOR, 2009, p. 55).

O desenho é uma saída para a comunicação, e a arte infantil representa uma visão de suas personalidades. Os desenhos infantis são únicos e podem nos fornecer informações precisas sobre os jovens artistas.

TEORIAS SOBRE O DESENHO

O desenho infantil foi e está sendo o foco de muitas pesquisas, nas mais diversas áreas, como psicologia, linguística, antropologia, pedagogia, entre outras, as quais estão condicionadas ou orientadas por outras pesquisas que tratam a criança e a infância.

Relacionando-se à criança, muitas teorias já foram questionadas e até mesmo colocadas em prática e o desenho pode ser analisado a partir das mesmas.

A criança é um sujeito que se transforma a cada dia, e essas transformações ocorrem constantemente, influenciando o modo de analisar a criança de forma integral. Para tanto, o desenho contribui significativamente no processo dessa análise e por meio de teóricos podemos nos embasar em argumentos que possam ser utilizados para um melhor entendimento sobre os significados dos desenhos.

Cunha (2002, p. 15) nos revela as seguintes concepções sobre o desenho:

Concepção espontaneísta: O educador parte do pressuposto que cada criança tem capacidade inata para elaborar a linguagem gráficoplástica- alguns têm o dom para criar-, deste modo o meio (intervenções do educador, contato com a linguagem gráfico-plástica e materiais expressivos) não importa no processo de aquisição destes saberes. Caberá ao professor encaminhar o processo da criação através de atividades livres, onde o educador disponibilizará materiais e deixará

as crianças criarem livremente suas produções sem nenhuma interferência pedagógica ou fazê-la no sentido de elogiá-las sem critérios. As crianças desenham, pintam, colam, modelam, constroem com sucatas durante um espaço de tempo e concluem. O educador guarda nas pastas ou coloca nos pregos da sala de aula. O processo é importante, o produto realizado é um resultado que não é questionado.

Concepção pragmática: O educador acredita que as atividades de expressão gráfico-plástica devem servir para desenvolver a motricidade e/ou preparar para a escrita, ou aprender a construir formas mais semelhantes ao real. As intervenções pedagógicas são no sentido de domar o caos dos emaranhados com exercícios de contenção (recortar sobre linhas onduladas, pintar dentro de formas geométricas ou outras); ou da produção de registros que visem à resultados realistas referentes aos temas desenvolvidos (construir uma maquete após trabalhar sobre meio de transportes); ou de uma aprendizagem feita através de conceitos e não de vivências expressivas (por exemplo: ensinar as 3 cores primárias através da informação e não da experiência expressiva através da cor). Ao contrário da concepção inatista, os educadores priorizam o produto final e não o processo expressivo que conduziu o aluno àquele resultado. De um modo geral, as produções servem para ser mostradas aos pais, a fim de que eles percebam que seus filhos têm controle motor e estão preparados para a escrita.

Vygotsky (1987, p. 18) destaca quatro fases do desenho infantil: primeira fase:

desenho esquemático, no qual o sujeito já possui capacidade de representar figurativamente os seres humanos, porém com formatos distantes do real. Segunda fase: a criança começa a demonstrar mais detalhes em seus desenhos, aproximandose um pouco mais das características reais. Terceira fase: a criança apresenta maior semelhança com a realidade, já fazendo os contornos do corpo humano, apesar de ainda não se apegar às perspectivas. Quarta fase: a criança é capaz de representar de maneira plástica as formas dos objetos.

Portanto não há uma idade definitiva para o aparecimento de algum dos momentos referidos, pois tal processo não possui um movimento único. Cada indivíduo é produto de seu meio e por isso um se faz diferente do outro.

Entender o desenvolvimento do desenho infantil se faz necessário a fim de se evitar rotulações injustas de rendimento inferior e superior das crianças, quando na verdade, os alunos se encontram em momentos distintos ou as suas tentativas gráficas estão em meio a outros hábitos culturais.

A criança inicia seu processo de aquisição de leitura e escrita muito antes de adentrar as instituições escolares. Seus primeiros rabiscos são sua escrita inicial e os desenhos, assim como a escrita, apresentam diferentes fases, de acordo com a maturidade e o desenvolvimento individual. É imprescindível o respeito ao tempo de cada criança.

O desenho é uma manifestação da capacidade representativa das crianças que se manifesta anteriormente por meio da imitação e da linguagem. Ao desenhar a criança põe em jogo tudo o que já desenvolveu no campo do pensamento, reproduzindo graficamente os quadros mentais já construídos. "O que é feito com lápis e papel está ligado a conquistas internas." (SEBER, 1995, p. 75).

Inicialmente a criança desenvolve seus "quadros mentais" por meio da imitação, nas brincadeiras de faz-de-conta, onde ela conta com o apoio de diferentes materiais concretos para simbolizarem o que está sendo imitado.

No caso do desenho, as condições são outras. Não há material para substituir ficticiamente outros, não importam gestos imitativos, sons, nada; apenas lápis, papel e o que existe na cabeça da criança. É preciso que as correspondências entre o vivido concretamente e o esboço que o prolonga no plano do pensamento tenham atingido outro nível. (SEBER, 1995, p 75).

É importante que o professor estimule a criança em seu desenvolvimento quanto à evolução dos desenhos, respeitando as fases de cada um e evitando utilizar-se de modelos para que as crianças copiem, pois, assim, as ajudará a elaborar e valorizar suas produções, deixando de temer por não fazerem exatamente aquilo como o professor acreditava que deveria ser feito. Ao professor cabe conhecer como o desenho evolui para que possa fazer as intervenções pedagógicas necessárias ao melhor desenvolvimento de seus educandos.

Somente a partir do século XX é que começaram as primeiras pesquisas sobre como se desenvolve e qual a importância do desenho infantil. Georges Henri Luquet foi quem, por meio de seu trabalho, garantiu reconhecimento da contribuição do desenho para a evolução psíquica. Segundo Luquet (1979): "O desenho infantil, enquanto manifestação da atividade da criança, permite penetrar na sua psicologia e, portanto, determinar em que ponto ela se parece ou não com a do adulto" (LUQUET, 1979, p. 213-214)

Analisando os desenhos sob o ponto de vista evolutivo e, segundo Maria da Glória Seber, podemos considerar duas grandes etapas: a etapa dos rabiscos e a etapa do desenho.

A primeira se inicia quando as marcas deixadas pela criança no papel resultam apenas do prazer de rabiscar. A etapa seguinte

é a do desenho propriamente dito, ou seja, uma manifestação representativa, caracterizada pela intenção de reproduzir algo graficamente. (SEBER, 1995, p 75)

Vejamos as duas etapas:

I – Etapa dos rabiscos

Esta etapa é marcada pela ausência da intenção de representar graficamente algum objeto. O prazer está simplesmente no exercício de rabiscar e, aos traçados, a criança não atribui significados. O controle motor da criança ainda é limitado sendo comum acontecer de amassar, rasgar e furar o papel onde se está rabiscando. O interesse da criança está voltado prioritariamente para os seus próprios movimentos.

A materialidade dos traços não se modifica de repente só porque a criança passa a atribuir um significado àquilo que produz com lápis e papel. Assim sendo, o complemento verbal torna-se essencial para que o adulto possa diferenciar a etapa do rabisco e a do desenho propriamente dito. (SEBER, 1995, p. 96)

A fase do rabisco começa a ser superada quando a criança começa a se importar com a intenção de representar algo, buscando atribuir significados e nomeando àquilo que realizou.

II- Etapa do desenho

A característica marcante dessa etapa é o uso da linguagem, pela criança, para explicar o que ela pretende ou o que acabou de realizar.

Nesse momento de transição entre as duas etapas, a criança se dá conta de que é capaz de criar graficamente uma ideia mediante marcas deixadas em uma folha de papel ou num suporte qualquer. Essa conquista representativa é, portanto, o critério que define a passagem de uma etapa para a outra e pode ser percebida na busca intencional de representar algo e no nome atribuído àquilo que ela produz. (SEBER, 1995, p 81)

Os rabiscos aos poucos vão sendo substituídos por traços ocasionalmente interrompidos que originarão figuras cada vez mais próximas da realidade, à medida que a criança alcança avanços na destreza dos movimentos e no nível do pensamento. Os temas escolhidos, a correspondência entre as cores e os objetos, bem como a riqueza de detalhes são aprimorados progressivamente, estando sempre relacionados à evolução do pensamento. “Com a evolução do pensamento, elas manifestam o desejo de serem fiéis aos dados da realidade.” (SEBER, 1995, p 98)

AS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO ARTÍSTICO

Compreender as etapas do desenvolvimento artístico pode ajudá-lo a melhorar a criação de arte. Também pode ajudá-lo a se tornar um professor de arte mais eficaz. Desenvolvemos artisticamente. Assim como desenvolvemos outras habilidades, como conversar e caminhar por etapas, desenvolvemos habilidades artísticas da mesma maneira.

Em 1947, o Dr. Viktor Lowenfeld publicou "Creative and Mental Growth", que rapidamente se tornou o livro didático para educadores de arte. Lowenfeld argumenta que são seis estágios claramente definidos de desenvolvimento artístico e que esses estágios podem ser testemunhados nas obras de arte de crianças. Segundo Lowenfeld, as seis etapas do desenvolvimento artístico são:

Estágio 1 - Estágio de Rabisco (1-3 anos)

As crianças nessa idade estão envolvidas na atividade física do desenho. Não há conexão entre as marcas e a representação durante a maior parte do estágio de rabisco. No entanto, no final deste estágio, as crianças podem começar a dar nomes às marcas. Esta etapa é principalmente sobre o prazer de deixar marcas puramente.

Etapa 2 - Etapa Pré Esquemática (3-4 anos)

As crianças neste estágio do desenvolvimento artístico estão começando a ver conexões entre as formas que desenham e o mundo físico ao seu redor. Círculos e linhas podem ser descritos como pessoas ou objetos que estão fisicamente presentes na vida da criança. É nesta fase que a criança primeiro faz a conexão com a comunicação através de seus desenhos.

Etapa 3 - Etapa esquemática (5 a 6 anos)

As crianças, nesta fase, atribuíram claramente formas aos objetos que estão tentando se comunicar. Eles geralmente desenvolveram um esquema para criar desenhos. Há uma ordem definida no desenvolvimento do desenho.

Os desenhos nesta fase têm uma clara separação entre o céu e o solo. Frequentemente, o céu é uma faixa de azul na parte superior do papel, enquanto o chão é uma faixa de verde na parte inferior.

Os objetos são frequentemente colocados no chão, em vez de flutuar no espaço. Objetos de importância geralmente são de-

senhados maiores que objetos de menor importância.

Etapa 4 - O Realismo do Alvorecer (7 - 9 anos)

Nesta fase do desenvolvimento artístico, as crianças estão começando a se tornar mais críticas ao seu próprio trabalho. Tornou-se evidente que uma ordem estruturada para desenhar objetos não é mais suficiente. Enquanto um esquema ainda é usado para criar desenhos, é mais complexo que o esquema usado nos estágios anteriores. Sobreposição pode ser vista e um senso de relações espaciais é mais evidente.

Etapa 5 - A etapa pseudo naturalista (10 a 13 anos)

O uso de valor e luz é agora aparente nos desenhos. As crianças nesta fase do desenvolvimento artístico são muito críticas ao seu próprio sucesso. O sucesso é determinado pelo nível de realismo alcançado no desenho. Frustração é uma ocorrência comum. É extremamente importante incentivar os alunos nesta fase.

Etapa 6 - Etapa de decisão (13 a 16 anos)

Nesse estágio, as crianças decidem continuar desenhando ou visualizando-a como uma atividade sem mérito. Devido ao nível de autocrítica inerente a esse estágio, muitas crianças (agora jovens adultos) veem o desenho como uma habilidade que não possuem.

Outros, no entanto, decidem continuar trabalhando em suas habilidades de desenho e continuam a se desenvolver. Penso que é importante incentivar os alunos a continuarem a desenhar, apesar do seu nível de habilidade. Qualquer nível de habilidade pode ser alcançado com a prática. Esta fase do desenvolvimento artístico é talvez a mais crítica para o desenvolvimento de um artista.

O PROGRESSO DA GRAVURA INFANTIL

A gravura infantil é um registro único, ao qual a criança expõe sua rotina, suas decisões, seus propósitos e sua forma de entender o meio adulto, assim como divertirse.

Números reduzidos de estudo de escritores importantes no campo da Pedagogia definem a gravura como fases do desenvolvimento, outros descrevem sobre seus primeiros desenhos e seu valor para trabalhos e saberes para especialistas no assunto, e há os que argumentam como um código, trazendo atributos próprios associados ao contexto social e cultural pelo qual o sujeito está posto.

A área educacional contém vários cargos, é contestadora quando não se conhece quem é aquele aluno, aquela família, que em muitas vezes omitem informações necessárias ao convívio e ao aprendizado daquele sujeito, ao mesmo tempo é compensatória e enriquecedora, pois ser retribuída com a aprendizagem que lhe é transmitida é de fato prazeroso, apesar de ser pouco valorizada na sociedade atual.

O desenho representa sua marca pessoal no mundo, um momento de explorar, de se comunicar, de interagir com outras pessoas, de brincar com os dedos, com os gravetos, com as cores e os diversos suportes que servirão de estrutura para sua pintura, de conhecer e compreender o seu contexto e sua trajetória. Representando uma maneira de se sentir e fazer parte do mundo, o desenho expressa o que a alma não pronuncia em palavras.

Vygotsky baseia seus estudos dentro de uma perspectiva histórico-cultural, concebe o homem a partir de uma filosofia interacionista em que o desenvolvimento do sujeito ocorre em função das interações sociais e condições de vida.

Conclui-se que os desenhos são bastante similares em suas faixas etárias, a maneira individual de desenhar de cada criança varia de acordo com sua cultura, seus costumes, o grupo ao qual pertencem e da importância e estimulação que cada família absorve do conhecimento.

A gravura tem linguagem própria, composta por todos os tipos de traços possíveis. Existem vários estudiosos que investigaram o processo de desenvolvimento do desenho da criança. Entre eles, Luquet, Lowenfeld, Kellog e Derdik. Esses especialistas conversaram com questões que estavam sendo discutidas em seu momento histórico. “Estudos mostraram a importância das gravuras infantis como processo de progresso de linguagem e uma maneira única de comunicação” (BARBIERI, 2012, p. 93).

Como linguagem antiga e permanente, o desenho atravessa histórias e gerações desde os tempos remotos, expressando seu modo de vida, a cultura, o saber de uma determinada sociedade dentro de um momento histórico.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (Brasil, 1998), a gravura como linguagem indica signos culturais que possibilitam ao homem significar o mundo. Portanto evidenciamos a Educação Infantil, como sendo a primeira etapa da Educação Básica como espaço de promoção e apropriação das diversas formas de linguagens e expressões, sendo o desenho dotado de significados.

Esses traços seguem rumo ao desenvolvimento de outras percepções da criança

sobre o mundo exterior, que se refletem na representação do grafismo infantil a partir de suas perspectivas.

O desenho inicialmente surge caracterizado como garatujas, a plena curiosidade e exploração do objeto que em contato com outro produz marcas expressivas de um ato motor. Ao experimentar estes movimentos repetidas vezes com diversas cores, emerge a tentativa de reproduzir aquilo que está presente em seu cotidiano e que lhe seja relevante, que tenha um apreço, um valor sentimental e emocional naquele momento.

Visivelmente o que se apresenta são formas geométricas, geralmente círculos que se assemelham a figuras humanas. E com o seu amadurecimento, suas experiências e percepções, este desenho fica cada vez mais similar tanto a figuras humanas, como objetos do seu entorno e até imaginários.

O ato de desenhar não deve ser reduzido apenas ao ato motor, quando a criança está diante de um material em que ela tem o poder de criar, ela se manifesta de uma forma singular, suas produções revelam um modo particular de observar e sentir o mundo em sua volta, através de suas experiências, emoções e vivências únicas.

A criança desenha para se expressar, para se conhecer e principalmente para compreender a sua realidade. Desenhar é brincar, é viver o possível e o imaginário, é criar suas próprias regras, é viver em um mundo colorido, mas as vezes ele também pode ser cinzento, escuro e sombrio.

Viver diante dessa experiência é expressar suas emoções, seus desejos, suas angústias, seu prazer, é projetar-se diante da felicidade, do conflito, da tristeza, de todos os sentimentos que o embarcam.

FASES DA GRAVURA INFANTIL SEGUNDO LEV SEMENOVITCH VYGOTSKY

A linguagem é, antes de tudo, social. Portanto, sua função inicial é a comunicação, expressão e compreensão. Essa função comunicativa está estreitamente combinada com o pensamento. A comunicação é uma espécie de função básica porque permite a interação social e, ao mesmo tempo, organiza o pensamento.

Para Vygotsky, a aquisição da linguagem passa por três fases: a linguagem social, que seria esta que tem por função denominar e comunicar, e seria a primeira linguagem que surge. Em seguida teríamos a linguagem egocêntrica e a linguagem interior, intimamente ligada ao pensamento.

Linguagem Egocêntrica: Trata-se da fala que a criança emite para si mesmo, em voz baixa enquanto está concentrado em alguma atividade.

A fala egocêntrica constitui uma linguagem para a pessoa mesma, e não uma linguagem social, com funções de comunicação e interação. Esse "falar sozinho" é essencial porque ajuda a organizar melhor as ideias e planejar melhor as ações.

É como se a criança precisasse falar para resolver um problema que, nós adultos, resolveríamos apenas no plano do pensamento / raciocínio. A fase da fala egocêntrica é marcada pela curiosidade da criança pelas palavras, por perguntas acerca de todas as coisas novas ("o que é isso?") e pelo enriquecimento vocálico.

DISCURSO INTERIOR E PENSAMENTO: O discurso interior é uma fase posterior à fala egocêntrica. É quando as palavras passam a ser pensadas, sem que necessariamente sejam faladas. É um pensamento em palavras. Já o pensamento é um plano mais profundo do discurso interior, que tem por função criar conexões e resolver problemas, o que não é, necessariamente, feito em palavras.

É algo feito de ideias, que muitas vezes não conseguimos verbalizar, ou demoramos um tempo para achar as palavras certas para exprimir um pensamento.

O pensamento não coincide de forma exata com os significados das palavras.

O pensamento vai além, porque capta as relações entre as palavras de uma forma mais complexa e completa o que a gramática faz na linguagem escrita e falada. Para a expressão verbal do pensamento, às vezes é preciso um esforço grande para concentrar todo o conteúdo de uma reflexão em uma frase ou em um discurso.

Portanto, podemos concluir que o pensamento não se reflete na palavra; realiza-se nela a medida que é a linguagem que permite a transmissão do seu pensamento para outra pessoa (Vygotsky, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil, hoje etapa da Educação Básica Nacional, é uma fase de muita descoberta e construção de conhecimentos pelas crianças nela inseridas. A curiosidade, o encanto, o olhar atento e a descoberta fazem parte de todo esse processo.

Na escrita deste artigo procurei abordar a construção do conhecimento pela criança, tendo como enfoque principal, seus registros. O foco é que o professor conheça sobre esse processo e que isso o auxilie em seu trabalho, de modo a garantir mais estímulos aos educandos. O respeito ao aprendiz, em suas fases, dificuldades e em seu desenvolvimento deve ser o foco de todo trabalho docente.

Avançamos em relação às concepções de infância e aprendizagem e temos um novo

olhar para a infância que, chega à escola como um ser em desenvolvimento, pensante e atuante e já traz consigo uma grande bagagem cultural e muitos conhecimentos. Temos, alunos que a cada dia nos questionam, buscam e acessam conhecimentos e que querem sempre mais. Acreditamos na criança como protagonista da sua formação, e em hipótese alguma, as fases do desenvolvimento da leitura e da escrita devem ser usadas para classificar ou rotular as crianças.

Que tenhamos claro nossa função e a necessidade de estarmos sempre atentos para as tão importantes intervenções e descobertas do dia a dia escolar.

A Educação Infantil, hoje etapa da Educação Básica Nacional, é uma fase de muita descoberta e construção de conhecimentos pelas crianças nela inseridas. A curiosidade, o encanto, o olhar atento e a descoberta fazem parte de todo esse processo.

Na escrita deste artigo procurei abordar a construção do conhecimento pela criança, tendo como enfoque principal, seus registros. O foco é que o professor conheça sobre esse processo e que isso o auxilie em seu trabalho, de modo a garantir mais estímulos aos educandos. O respeito ao aprendiz, em suas fases, dificuldades e em seu desenvolvimento deve ser o foco de todo trabalho docente.

Avançamos em relação às concepções de infância e aprendizagem e temos um novo olhar para a infância que, chega à escola como um ser em desenvolvimento, pensante e atuante e já traz consigo uma grande bagagem cultural e muitos conhecimentos. Temos, alunos que a cada dia nos questionam, buscam e acessam conhecimentos e que querem sempre mais. Acreditamos na criança como protagonista da sua formação, e em hipótese alguma, as fases do desenvolvimento da leitura e da escrita devem ser usadas para classificar ou rotular as crianças.

Que tenhamos claro nossa função e a necessidade de estarmos sempre atentos para as tão importantes intervenções e descobertas do dia a dia escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, F. A. G. de. A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano. In: BARBOSA, A. M; COUTINHO, R. G. (Org.) Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009. p. 335346.

BARBIERI, Stela, Interações: onde está a arte na infância, coleção: Interações, São Paulo, Blucher, 2012. 162 p.

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (Org.). Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da (org). Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 2002.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: O desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1993.

FREINET, Celestin. O método natural: a aprendizagem da língua. Franco de Souza (Trad.); Maria Antonieta Guerreiro (Trad.). Lisboa: Estampa, 1977.

HERNÁNDEZ, F. Catadores da cultural visual. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LUQUET, G. H. O desenho infantil. Tradução: Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Porto: Livraria Civilização, 1979.

SEBER, Maria da Glória. Psicologia do pré-escolar – uma visão construtivista. São Paulo: Moderna, 1995.

SELBACH, S. (Cood.). Arte e didática. Petrópolis: Vozes, 2010. (Coleção Como bem ensinar)

SILVA, M. B; GALVÃO, A. O. Concepções de arte na educação. Revista Histedbrl, Campinas, n. 35, p. 141-159, 2009.

SNYDERS, G. - "Alunos felizes: Reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários". Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

STABILE, Rosa Maria. A expressão Artística na pré-escola. FTD, 1988.

TEBEROSKY, Ana e COLOMER, Teresa. Aprender a ler e a escrever – uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____ . Como se aprende a ler e escrever ou, prontidão, um problema mal colocado. Ciclo Básico, Cenp/Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, 1988.

TOURINHO, Irene. Transformações no Ensino da Arte: Algumas questões para reflexão conjunta. In: Ana Mae Barbosa. (Org.). Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2002, v. 1, p. 27-34.

VENTRELLA, Roseli Cassar; GARCIA, Maria Alice Lima. O Ensino de Artes nas séries iniciais do Ciclo I. São Paulo: FDE, 2006.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins, 1984.

OUTROS MATERIAIS

A construção da escrita. Vídeo: Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. Brasília: MEC, SEF: MEC, SEED, 2001.